ISSN: 2539-3804

Marcador epistêmico ou enquadrador de postura? O uso de "eu acho" em interações conversacionais do PB[1]

Jéssica Caroline Souza Aguiar
Maíra Avelar
Laís Rodrigues Silva Bockorni
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Vitória da Conquista, Brasil

Abstract
Epistemic marker or stance framer? The use of "*eu acho*" in conversational interactions of BP
This study aims to analyse whether "*eu acho*" is used as an epistemic marker of low certainty, as proposed in the classical literature, or as a stance marker. For this, we used the corpora of recordings of four semi-structured interactions between pairs of young adult college students, speakers of Standard Brazilian Portuguese. We identified 145 occurrences, transcribed, annotated, and analyzed, taking as our starting point its use as a marker of supposition and the dimensions of the stance triangle: evaluation (/positioning) and alignment. Our analysis also led to the creation of two other categories related to the use of "*eu acho*" as a discursive organizer: the insertion of a digression and the conclusion of an argument. The results show that "*eu acho*" is predominantly used as a metadiscursive framing device for evaluation, followed by its use as a framing device for supposition and alignment.
Keywords: "*eu acho*"; epistemic stance; stance marker; investment.

Resumen
¿Marcador epistémico o encuadrador de postura? El uso de "*eu acho*" en interacciones conversacionales del PB

[1] Artigo de investigação

El objetivo de este estudio es analizar si la expresión "*eu acho*" se utiliza como marcador epistémico de baja certeza, tal y como se propone en la literatura clásica, o como marcador de postura. Para ello, hemos utilizado los corpus de grabaciones de cuatro interacciones semiestructuradas entre parejas de jóvenes universitarios, hablantes de portugués brasileño estándar. Identificamos 145 ocurrencias, que transcribimos, anotamos y analizamos, tomando como punto de partida su uso como marcador de suposición y las dimensiones del triángulo de postura: evaluación (/posicionamiento) y alineación. Nuestro análisis también condujo a la creación de otras dos categorías relacionadas con el uso de "*eu acho*" como organizador discursivo: la inserción de una digresión y la conclusión de un argumento. Los resultados muestran que "*eu acho*" se utiliza predominantemente como recurso metadiscursivo de enmarcamiento para la evaluación, seguido de su uso como recurso de enmarcamiento para la suposición y la alineación.
Palabras Clave: "*eu acho*" ; postura epistémica; marco de postura; implicación.

Résumé

Marqueur épistémique ou cadre de posture ? L'utilisation de « *eu acho* » dans les interactions conversationnelles du PB

Cette étude vise à analyser si l'expression « *eu acho* » est utilisée comme marqueur épistémique de faible certitude, comme le propose la littérature classique, ou comme marqueur de position. Pour ce faire, nous avons utilisé les corpus d'enregistrements de quatre interactions semi-structurées entre des binômes de jeunes étudiants universitaires, locuteurs du portugais brésilien standard. Nous avons identifié 145 occurrences, que nous avons transcrites, annotées et analysées, en prenant comme point de départ son utilisation en tant que marqueur de supposition et les dimensions du triangle de prise de position : l'évaluation (/positionnement) et l'alignement. Notre analyse a également conduit à la création de deux autres catégories liées à l'utilisation de « *eu acho* » en tant qu'organisateur discursif : l'insertion d'une digression et la conclusion d'un argument. Les résultats montrent que « *eu acho* » est principalement utilisé comme dispositif de cadrage métadiscursif pour l'évaluation, suivi de son utilisation comme dispositif de cadrage pour la supposition et l'alignement.
Mots-clés : « *eu acho* » ; posture épistémique ; cadre de posture ; engagement.

SOBRE AS AUTORAS

Jéssica Caroline Souza Aguiar
Doutoranda e Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Graduada em Letras Modernas pela mesma universidade. É membro do Laboratório de Linguística Cognitiva e Estudos de Gesto - LabGest (DGP/CNPq). Em seu projeto de doutorado, investiga a relação entre tomada de postura e gestos no Português Brasileiro.
E-mail: 2024a0006@uesb.edu.br

Maíra Avelar
Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Vitória da Conquista. Atua na Área de Línguas Estrangeiras e Literaturas (ALEL) do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL), assim como no Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL). É líder do Laboratório de Linguística Cognitiva e Estudos de Gesto - LabGest (DGP/CNPq). Participa oficialmente das seguintes associações internacionais: Associação Brasileira de Linguística (Abralin), International Cognitive Linguistics Association (ICLA), International Society for Gesture Studies (ISGS), Researching and Applying Metaphor (RaAM), na qual é responsável pelo Grants and Prizes Office.
E-mail: mairavelar@uesb.edu.br

Laís Rodrigues Silva Bockorni
Doutora e mestra em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da UESB (PPGLIn). Graduada em Letras Vernáculas pela mesma instituição, com pesquisas realizadas na área de Aquisição da Linguagem. Em sua tese de doutorado, investigou, especificamente, o papel da atenção e do contexto diversificado no formato prosódico para o desenvolvimento linguístico de gêmeos.
E-mail: 2022A0036@uesb.edu.br

COMO CITAR ESTE ARTIGO

Aguiar, J. C. S., Avelar, M., & Bockorni, L.R.S. (2026). Marcador epistêmico ou enquadrador de postura? O uso de "eu acho" em interações conversacionais do PB. *Lenguaje, 54* (2S), e20415556. https://doi.org/10.25100/lenguaje.v54i2s.15556

INTRODUÇÃO

A tomada de postura (*stance-taking*) é um fenômeno que permite ao falante se posicionar em relação ao tópico discutido em uma situação dialógica, avaliar o objeto do discurso e se alinhar ao seu interlocutor, quer seja de maneira convergente ou divergente (Du Bois, 2007). Um dos tipos de posicionamento que o falante pode tomar em relação a algo é o epistêmico, que se refere ao grau de certeza que ele tem sobre o que está sendo dito. Assim, de acordo com a literatura clássica sobre o assunto, o "eu acho" é marcado por um grau de certeza ou assertividade baixo (Almeida, Ferrari, 2012; Carvalho et al, 2021).

Entretanto, ao contrário do que é proposto na literatura clássica, Kärkkäinen (2007) e Kaneyasu (2020) demonstram como o "eu acho" funciona como um enquadrador de postura, uma vez que, com a alta frequência de uso, tende a se rotinizar em uma determinada função na organização conversacional. Além disso, seu uso estaria relacionado à negociação intersubjetiva de postura, buscando alinhamento com o interlocutor.

Considerando isso, neste estudo, analisamos o uso do "eu acho", a fim de averiguar se, no Português Brasileiro (PB), ele é usado como um marcador de postura epistêmica, conforme previsto na literatura clássica, ou como um enquadrador de postura, tal como ocorre em outras línguas, como o inglês e o japonês. Sendo assim, partimos das seguintes hipóteses:

H_0: Em contextos conversacionais do PB, o "eu acho" funciona predominantemente como enquadrador de postura.

H_1: Em contextos conversacionais do PB, o "eu acho" funciona como marcador epistêmico que indica suposição ou conjectura.

A fim de testar essas duas hipóteses de funcionamento, analisamos um conjunto de 145 ocorrências de "eu acho", provenientes de quatro entrevistas semiestruturadas, cujo tema é IA. Criamos, então, cinco categorias de análise, tomando como base as funções desempenhadas por "eu acho" na literatura clássica, na literatura afiliada à questão da tomada de postura e na observação indutiva de recorrências nos dados analisados, quais sejam: alinhamento, avaliação, suposição, introdução de subtópico e conclusão de argumento. Por fim, apresentamos os resultados, em termos de percentuais de frequência relacionados a cada uma das categorias, optando por discuti-las de maneira comparativa, observando sutilezas e diferenças de uso e, consequentemente, de função do "eu acho".

REFERENCIAL TEÓRICO

O fenômeno da tomada de postura

De modo geral, a tomada de postura pode ser caracterizada pela expressão de ponto de vista, avaliação, expressão de sentimentos, atitudes, vontades, saberes do falante, em uma situação sociointeracional, sendo este fenômeno pervasivo à linguagem humana. Assim, é possível afirmar que a tomada de postura é de natureza

intersubjetiva (Debras, Cienki, 2012; Du Bois, 2007). Na literatura sobre o assunto, encontramos estudos que tratam de diferentes tipos de postura e, conforme Cienki (2024, p. 2), não existe um único tipo de tomada de postura, visto que cada tipo de mensagem envolve diferentes aspectos da atitude do falante em relação a ela.

Nessa perspectiva, podemos ter uma postura epistêmica, que mostra o grau de certeza do falante sobre o que ele está falando; uma postura avaliativa, que diz respeito à forma como o sujeito avalia algo; uma postura de relevância, que se refere ao grau de importância do que está sendo dito; ou mesmo uma postura afetiva, que diz respeito à relação afetiva com respeito ao assunto da conversa. Essa divisão das posturas em tipos, focalizando palavras específicas que apontam o tipo de postura adotada é encontrada tradicionalmente nos estudos sobre postura, frequentemente associados à modalização argumentativa.

Ao invés de tratar de diferentes tipos de postura, Du Bois (2007) adota uma perspectiva holística em relação a esse fenômeno. O autor estabelece três ações principais na tomada de postura: a avaliação do sujeito em relação a um objeto; o posicionamento desse sujeito em relação à avaliação; e o alinhamento do sujeito com o seu interlocutor. Em outras palavras, é durante a interação social que os falantes avaliam, dialogicamente, o tópico discutido, se posicionam com relação ao que o outro está falando, indicando se concordam ou não com o assunto e, a partir desse posicionamento, há um alinhamento entre as posições dos interlocutores, quer seja de maneira positiva ou negativa. Nessa perspectiva, podemos olhar para a tomada de postura como um fenômeno multidimensional em que teríamos diferentes dimensões ocorrendo simultaneamente, a saber, a avaliação, o posicionamento e o alinhamento.

Acrescentando uma dimensão importante, relativa aos processos que ocorrem na tomada de postura, Kiesling et al. (2018) propõem que o investimento, ou o grau de engajamento do sujeito com a avaliação/posicionamento expresso por ele mesmo ou por outros, é uma dimensão que precisa ser considerada. Conforme Kiesling et al. (2018), o investimento corresponde, essencialmente, à força ilocucionária do enunciado, pois diz respeito ao quão certo o sujeito está daquilo que ele está falando, ou ao quão disposto ele está a defender o que está dizendo. É possível verificar, portanto, que o grau de investimento corresponde ao grau de certeza que o sujeito expressa.

Em outras palavras, Kiesling et al. (2018), afirmam que o investimento poderia estar relacionado ao grau de comprometimento com a avaliação de um objeto em si (como em "gostar e amar algo") ou ao grau de (des)alinhamento que um sujeito tem com seu interlocutor. Ambos os graus responsabilizam o sujeito pelo mundo, à medida que ele ou ela se compromete com o conteúdo da expressão. Cabe ressaltar que, para Kiesling et al. (2018), o investimento não se resume à intensidade do adjetivo utilizado apenas, pois precisa ser considerado como uma relação holística entre o falante e o discurso.

Os autores destacam que, quando se leva em conta a tradicional categorização de posturas, elas podem ser lidas em relação às dimensões gerais da tomada de postura: no caso da postura afetiva, por exemplo, as dimensões do afeto e do

alinhamento se sobressaem, enquanto na postura epistêmica, temos uma presença mais clara da dimensão do investimento. Essa inter-relação entre postura epistêmica e investimento é o ponto de destaque que pretendemos explorar em nossas análises.

O "eu acho" como marcador epistêmico e como enquadrador de postura

Conforme abordamos na introdução, a postura epistêmica diz respeito ao grau de certeza que alguém tem sobre aquilo de que está falando. Esse grau de certeza é marcado pelo uso de diferentes elementos linguísticos, como o uso de advérbios de probabilidade, advérbios de afirmação ou negação, verbos com uma carga semântica de conhecimento, modais, entre outros. A frequência com que os marcadores de postura epistêmica são utilizados varia de acordo com os graus de certeza. Conforme Almeida e Ferrari (2012), com relação aos verbos utilizados na marcação de postura epistêmica no inglês, temos a seguinte escala de assertividade, que pode ser conferida na Tabela 1:

Tabela 1. *Escala de assertividade*[2]

SUPPOSE > GUESS > THINK > BELIEVE > FIND > KNOW	
(- assertive)	(+ assertive)

Fonte: *(Almeida & Ferrari, 2012)*

Seguindo essa escala, temos *suppose*, *guess* e *think* como marcadores epistêmicos menos assertivos e *believe*, *find* e *know* como mais assertivos. Dessa maneira, o *I guess* marcaria um grau de assertividade fraco em relação ao que está sendo dito.

Em relação a trabalhos de base funcional-cognitiva do PB, abordaremos duas linhas que, embora categorizem o "eu acho" de maneiras distintas, convergem em sua interpretação funcional até certo ponto. O primeiro grupo está relacionado a trabalhos de base construcional. Nessa linha, de acordo com Castilho e Castilho (1996), os parentéticos epistêmicos, nos quais, segundo Carvalho et al. (2021), enquadram-se expressões como "(eu) acho (que)", "(eu) creio (que)", "(eu) julgo (que)", "(eu) suponho (que)", "(eu) penso (que)", "(eu) julgo (que)" e "(eu) acredito (que)" — relacionam-se com o grau de adesão do falante em relação à proposição, podem ser subdivididos em asseverativos e quase-asseverativos.

No primeiro caso, o conteúdo proposicional é enfatizado, indicando um alto grau de adesão do falante no que concerne a esse conteúdo. Por outro lado, no segundo caso, o conteúdo proposicional é atenuado, o que evidencia um baixo grau de adesão do falante (Castilho & Castilho, 1996, p. 222). Nesse sentido, segundo Carvalho et al. (2021), os parentéticos epistêmicos quase-asseverativos relativizam o

[2] *Suppose* (supor), *guess* (achar), *think* (pensar), *believe* (acreditar), *find* (encontrar) e *know* (saber).

peso da declaração, uma vez que demonstram menor grau de assertividade em relação ao grau de certeza do que é veiculado como conteúdo proposicional.

O segundo grupo de trabalhos está relacionado à categorização do "eu acho" como "expressão modalizadora epistêmica", cujo sentido básico, segundo Braga e Cunha (2025), estaria relacionado à mitigação do grau de certeza do locutor em relação ao conteúdo proposicional. Além disso, segundo os autores, a posição sequencial do "eu acho" no turno e na sequência também precisa ser destacada, pois exerce diferentes funções interacionais, relacionadas a manifestações concretas mais específicas, relacionadas ao sentido mais geral de conjectura/suposição. De maneira geral, ambos os grupos de trabalhos convergem na questão do baixo grau de certeza/assertividade do "eu acho".

Entretanto, conforme apontado por Braga e Cunha (2025), autoras como Kärkkäinen (2007) e Kaneyasu (2020) problematizam essa categorização, pois não parece ser suficiente para o que se verifica, de fato, nos usos concretos da língua. A obra supracitada pontua que o "eu acho" funciona, sobretudo, como um marcador que torna visível e público o processo de raciocínio do falante, visto que apresenta um sentido de fazer uma inferência ou de fazer uma descoberta e chegar a uma conclusão, por meio de evidências presentes nos turnos de fala anteriores, no ambiente ou no contexto social mais amplo. Além de indicar o processo de inferência feito pelo falante, o *I guess* também funciona como organizador discursivo, enquadrando a ação da postura tomada pelo falante, em diferentes situações durante a conversa, a depender da sequência em que ocupa nos turnos de fala.

Nesse sentido, Kärkkainen (2007) sinaliza três possibilidades de funcionamento de *I guess* como enquadrador de postura: como ações que iniciam sequências, em que o "eu acho" surge de um processo de inferência ou de mudança de percepção do falante em relação ao tópico do discurso; e ações responsivas, em que o *I guess* é utilizado como uma forma de o falante desistir da postura que ele tinha tomado anteriormente, redefinindo-a como uma forma de se alinhar com o seu interlocutor. Há uma similaridade entre essas duas ações, pois ambas marcam uma reformulação de postura por parte do falante. Em ambos os casos, o que leva o falante a reformular a sua postura são os turnos de fala anteriores, os quais servem como um contexto imediato para o reconhecimento de fatos relevantes a serem considerados.

Já em contexto de inserção de digressão ou história secundária em uma narrativa, o *I guess* é utilizado como uma forma de inserir um adendo, uma contextualização, uma explicação à história principal ou à sequência de turnos de fala. Conforme a autora, em geral, essa inserção também surge de uma inferência ou uma descoberta recente feita pelo falante, visto que é no momento da interação que o falante reconhece a similaridade entre o que estava sendo dito e o que ele está dizendo. Outros contextos de uso do *I guess* ocorrem quando há uma resposta à postura avaliativa tomada pelo interlocutor em uma ação inicial, à qual o falante pode responder com "*I guess so*" (eu acho que sim), por exemplo, como uma forma de se alinhar com o seu interlocutor; ou quando ele responde a uma demanda por informação feita pelo interlocutor. Nesses dois contextos, segundo a autora, o sentido

de *I guess* se assemelha ao de concordar com o interlocutor de maneira fraca ou, para utilizar um termo de Almeida e Ferrari (2012), menos assertiva.

Seguindo a linha de analisar as ações enquadradas por "eu acho", a partir de uma análise indutiva de de dados de conversa no japonês, Kaneyasu (2020) analisa os modalizadores epistêmicos *daroo* (だろ) e *deshoo* (でしょ) e demonstra que, embora tradicionalmente descritos apenas como pertencendo, respectivamente, aos registros formal e informal de um mesmo modal epistêmico de probabilidade ou conjectura, a análise sequencial de dados conversacionais reais mostra que ambos são usados para realizar ações sociais específicas. Dessa maneira, o *deshoo* possui uma função fixa de solicitar alinhamento ou confirmação do interlocutor. Já o *daroo* funciona integrado a sequências conversacionais maiores, desempenhando ações interacionais distintas, a depender da posição na sentença, assim como na sequência.

Para Kaneyasu (2020, pp. 151-157), essas diferentes funções podem ser categorizadas da seguinte maneira:

1. **Exibir espontaneidade:** ocorre com frequência como reações repentinas no meio de uma conversa, sinalizando que uma ideia acabou de surgir na cabeça do falante.
2. **Expressar uma postura neutra ou sem envolvimento:** o falante demonstra que não tem certeza absoluta, não quer se comprometer com a informação ou prefere manter distância daquele tópico.
3. **Exibir alinhamento:** o falante utiliza o marcador na resposta, como instrumento de co-validação da postura do outro.
4. **Qualificar a própria afirmação:** o marcador funciona como uma espécie de suavização de uma afirmação que poderia soar agressiva, impositiva ou arrogante, se dita de forma direta.
5. **Desafiar a afirmação do interlocutor:** o falante utiliza o marcador em tom de confronto (geralmente com entonação descendente ou ríspida) para questionar a lógica ou a atitude da outra pessoa.

Em suma, nas palavras de Kaneyasu (2020, p. 146), ao invés de simplesmente expressar conjecturas, os participantes da conversa utilizam *daroo* e *deshoo* para buscar e negociar alinhamento uns com os outros. Na mesma linha, Kärkkäinen (2007) demonstra como, no inglês, o marcador epistêmico *I guess* é utilizado para enquadrar posturas, indicando que a postura, a ser marcada na oração subordinada ao termo, surgiu por meio de um processo de inferenciação ou de descoberta do falante, quer seja com base no contexto físico imediato ou nos turnos anteriores da conversa.

Portanto, tanto para Kaneyasu (2020) quanto para Kärkkäinen (2007), os diferentes usos de "eu acho" nas interações funcionam como instrumentos de alinhamento e negociação intersubjetiva. A fim de checar se o "eu acho" tem como função predominante a marcação epistêmica relativa a um baixo grau de certeza; a suposições realizadas pelo sujeito, ou uma função metadiscursiva de enquadramento de postura, tornando público o processo de raciocínio realizado, analisamos dados videogravados de conversações semi-espontâneas, descritos em detalhe na seção a seguir.

MATERIAIS E MÉTODOS

Nesta pesquisa, utilizamos como *corpus* de análise a gravação de quatro conversas realizadas entre pares de jovens adultos, entre 18 e 30 anos, estudantes de graduação, falantes nativos do PB. Os vídeos fazem parte de um banco de dados composto por 15 entrevistas[3], em que os participantes sentam-se em cadeiras, de frente uns para os outros, realizadas no seguinte contexto: um vídeo de estímulo, intitulado "Como a IA irá mudar o mundo?" (TED-Ed, 2022), dublado para o PB, foi apresentado e, em seguida, as 12 perguntas foram exibidas numa tela de computador aos participantes:

1. Você acha que a IA vai destruir o mundo?
2. A IA pode ter consciência? Caso não possa, como podemos ter certeza disso? (Questão elaborada pelo ChatGPT)
3. Quem é o responsável e quem deve ser o culpado quando uma IA toma decisões ruins que levam a acidentes com mortes?
4. É possível que a IA venha a ter emoções? Em caso afirmativo, quais seriam as consequências disso?
5. Você acha que a empatia pode ser ensinada à IA?
6. Qual é a sua opinião sobre a interação entre a IA e uma pessoa? O que essa interação pode ou não oferecer a essa pessoa?
7. Qual é a sua opinião sobre usar a IA para criar obras de arte? Isso vai alterar os conceitos de autoria e criatividade?
8. A IA torna a vida melhor ou pior? Por quê?
9. É possível que a IA roube o seu emprego?
10. Imagine que você viva em 2125. Como a sua vida será mudada pela IA e por quê?
11. O que vai acontecer quando todo mundo começar a usar a IA?
12. Quais são os aspectos morais e éticos de criar e utilizar IA nos serviços de saúde e na medicina?

Cabe ressaltar que essas perguntas funcionaram como um estímulo para a conversa e, portanto, não havia a obrigatoriedade de se responder a todas elas, pois as entrevistas duraram cerca de 15 minutos. Dessa maneira, independentemente da quantidade de perguntas que haviam sido discutidas, quando o tempo estava prestes a terminar, aguardamos os participantes terminarem a discussão do tópico, seja ele qual fosse, e encerramos a gravação.

No caso específico do *corpus* de análise do "(eu) acho", como cada um dos quatro vídeos selecionados tem a duração média de 14 minutos, os vídeos totalizaram 58 minutos de gravação. Os participantes foram nomeados com letras do alfabeto para

[3] A coleta de dados faz parte do projeto "Tomada de postura e multimodalidade: análise de entrevistas", aprovado pelo comitê de ética (CAAE 89214825.6.0000.0055; número do parecer 7.714.207).

proteção de sua identidade e segurança do anonimato na pesquisa, como podemos observar na Tabela 2:

Tabela 2. *Código dos participantes*

Número do Vídeo	Dupla	Duração do vídeo
1	A e B	14:26
2	C e D	13:46
3	E e F	14:27
4	G e H	14:55

Fonte: *Elaboração própria.*

Assim como as autoras que advogam a favor do uso metadiscursivo do "eu acho", optamos por realizar uma análise indutiva do *corpus*, propondo categorias a partir da observação dos usos concretos de "eu acho" identificados nos dados. Inicialmente, guiamo-nos pelas dimensões propostas por Du Bois (2007) para categorizar o triângulo da postura. Dessa maneira, elegemos como ponto de partida as seguintes categorias: avaliação (/ posicionamento) e alinhamento. Além disso, também consideramos a função predominante de uso do "eu acho" na literatura clássica, como marcador epistêmico de suposição (/conjectura). Posteriormente, a partir da recorrência, avaliamos a necessidade de criarmos duas categorias adicionais que abarcassem os usos de "eu acho" como organizador do discurso, a saber: inserção de adendo (Kärkkäinen, 2007) e conclusão de argumento.

Foram criadas, então, cinco categorias, que serão apresentadas e descritas na seção a seguir, em que pretendemos comentar e discutir sobre as frequências de uso, assim como comparar diferentes funções desempenhadas pelas diferentes categorias de "eu acho". Em relação à apresentação dos dados, optamos por recortar um trecho maior de transcrição do diálogo entre os participantes, para contextualizar melhor as ocorrências de "eu acho" identificadas nas sequências dialógicas. A transcrição ortográfica foi realizada com a versão gratuita e de código aberto do *Whisper* (versão Large v3) (OpenAI, 2023) e corrigida manualmente. Por fim, sobre a dimensão do investimento, decidimos utilizá-la para comparar e discutir qualitativamente algumas diferenças entre as categorias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nas quatro entrevistas analisadas, encontramos 145 ocorrências de "eu acho" nas posturas tomadas pelos falantes. Conforme descrito na metodologia, com base na categorização tradicional, nas dimensões do triângulo da postura (Du Bois, 2007) e na

observação concreta de recorrências nos dados, foram propostas cinco categorias de análise do "eu acho" nas interações conversacionais analisadas:

1. **Alinhamento:** o foco desta categoria está no grau de alinhamento do sujeito com o seu interlocutor, em que o sujeito demonstra concordar ou não com a postura do outro. Esse alinhamento, no entanto, não é categórico, visto que os sujeitos também podem se alinhar parcialmente com relação ao objeto da postura. Assim, o "eu acho" é utilizado como uma forma de expressar esse alinhamento ("eu também acho", "eu acho mais ou menos isso também", "não acho que seja assim").
2. **Suposição:** o foco desta categoria está ligado às conjecturas feitas pelo sujeito sobre o objeto da pergunta em questão. Dessa maneira, ela está relacionada às possibilidades situacionais criadas pelos sujeitos de algo acontecer, como em "eu acho que já deve ter sido proposto", "eu acho que todo mundo já usa".
3. **Avaliação:** o foco desta categoria recai sobre a avaliação feita pelo sujeito sobre o tópico discutido, seja ela positiva, seja negativa. Assim, o "eu acho" é utilizado como uma forma de os sujeitos marcarem, bem como de atenuarem, o seu ponto de vista acerca do objeto da postura ("eu acho que atrapalha muito" (em vez de "atrapalha muito", apenas), "Eu acho que essa é uma questão muito complexa").
4. **Inserção de adendo:** o foco desta categoria está na introdução de um adendo, uma digressão ou um subtópico dentro do tópico geral feita por um dos sujeitos, como a digressão inserida na discussão sobre a pergunta "Quem é o responsável e quem deve ser o culpado quando a IA toma decisões ruins que levam a acidentes com morte": "eu acho que a inteligência artificial está em todo lugar, em todo momento atualmente, né?" (e, então, parte para a resposta logo na sequência).
5. **Conclusão de argumento:** o foco desta categoria está na conclusão do argumento feita após o sujeito expor a sua postura. Em geral, nesse contexto, o "eu acho" vem acompanhado do encapsulador "isso", como em "eu acho que é isso".

O Figura 1, a seguir, expõe a categorização dos nossos dados, na qual podemos observar funções de "eu acho", predominante, como enquadrador metadiscursivo de avaliação (em 61% dos casos ou 88 ocorrências) realizada pelos sujeitos, seguida por marcador de suposição (em 17% dos casos ou 25 ocorrências), alinhamento (em 16% dos casos ou 23 ocorrências), inserção de adendo (em 4% dos casos ou 6 ocorrências) e conclusão de argumento (em 2% dos dados ou 3 ocorrências):

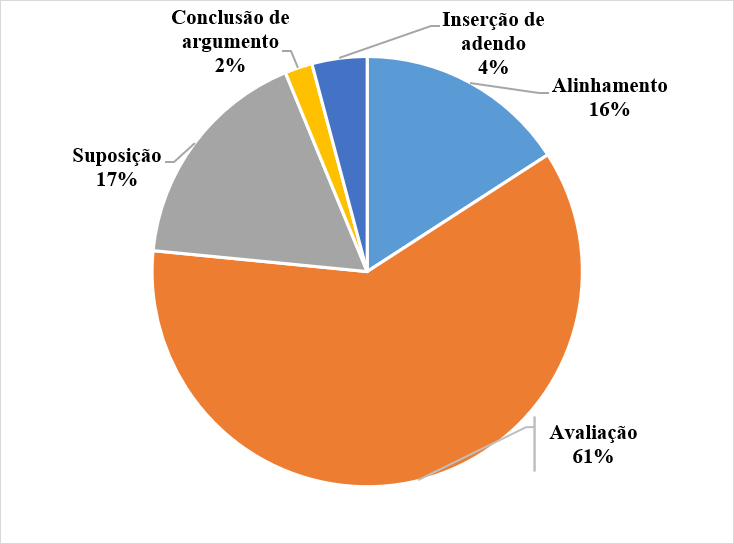


Figura 1. *Categorização dos usos e funções de "eu acho".*
Fonte: *Elaboração própria*.

A seguir, apresentamos exemplos encontrados no nosso *corpus*, ilustrativos dos contextos de uso categorizados anteriormente. Em relação à função mais predominante de "eu acho", o excerto (1) a seguir ilustra essa ocorrência. No excerto em questão, C responde à pergunta "É possível que a IA venha a ter emoções? Em caso afirmativo, quais seriam as consequências disso?":

(1)
(C&D)
060 C: Eu acho que é o mesmo caso da consciência.
061 C: É muito assustador pensar numa inteligência artificial
062 C: Um negócio criado pelo ser humano.
063 C: Que vai exprimir emoções.

Para responder à pergunta, C inicia a sequência (Kärkkäinen, 2007) retomando o seu posicionamento com relação à pergunta anterior: "A IA pode ter consciência?" Na pergunta em questão, C avaliou negativamente a possibilidade de a IA ter consciência. Nesse sentido, ao retomar o tópico da consciência, a falante considera as duas situações como semelhantes, e, consequentemente, avalia a possibilidade de a IA ter emoções como negativa. Assim, o "eu acho" é utilizado como uma forma de enquadrar a avaliação feita por C. Ao mesmo tempo, ele também funciona como uma maneira de suavizar a informação avaliada (Kaneyasu, 2020), especialmente se comparada à afirmação que vem logo na sequência: de que, categoricamente, "é muito assustador" pensar em uma IA que tenha emoções.

No excerto seguinte, temos dois "eu acho" na sequência: um que funciona como inserção de adendo e outro que funciona, novamente, como enquadrador de avaliação. Também neste excerto, E e F estão conversando sobre o fato de a IA poder ou não ter emoções:

(2)
(E&F)
067 F: Você lembra que tinha aquele bonequinho amarelo que a gente conversava com ele?
068 F: Que ele era criado pra ter emoção com humano?
069 F: Tu nunca teve esse aplicativo, não?
070 E: Snapchat?
071 F: Não, amiga, ele era uma inteligência artificial que a gente conversava com ele.
072 F: E aí, era muito estranho.
073 F: Tipo.
074 F: Ah.
075 F: Um seu amigo aqui.
076 F: Ah, é estranho.
077 E: É, eu esqueci.
078 F: Ele real / ele não tinha, né? emoção, mas era criado pra ter.
079 F: Para parecer que tinha.
080 F: E já era assustador.
081 F: Agora tu imagina um
082 F: Um robô [ininteligível].
083 F: Emoções.
084 E: Sim, aí a gente tá pensando em emoções positivas e, casos negativos, o que ocorreria?
085 F: Ó aí, quais seriam as consequências disso?
086 E: Quais seriam as consequências disso?
087 F: Eu acho que eu vou voltar, então eu acho que a IA pode
088 E: É
089 F: Pode destruir o mundo.

Há duas ocorrências diferentes de "eu acho" na linha 087: na primeira, F retoma, metadiscursivamente, o seu posicionamento anterior de que a IA não iria destruir o mundo, para, então, reavaliá-lo, reformulando-o na segunda ocorrência. Desse modo, o primeiro "eu acho" é utilizado como uma forma de inserir um adendo, visto que ele retoma a discussão da destruição do mundo pela IA, dentro da discussão sobre a IA ter emoções, e o segundo é utilizado como um reenquadramento da avaliação daquilo que o falante pensa a respeito do assunto, visto que F passa a avaliar a possibilidade de a IA ter emoções negativas e poder, então, destruir o mundo.
Já no excerto (3), há um exemplo ilustrativo de suposição:

(3)
(G&H)
296 H: Qual a sua opinião para usar IA para criar obras de arte?
297 H: Isso vai alterar os conceitos de autoria e criatividade?
298 H: Não sei se você viu, estava tendo uma discussão essa semana sobre isso e.

299 H: O Estúdio Libre (sic).
300 H: Que é um tipo de arte específica.
301 H: Japonesa, se não me engano.
302 H: De um autor em específico.
303 H: Ele faz desenhos específicos que se tornaram no cinema, né?
304 H: E uma inteligência artificial estava utilizando isso para qualquer pessoa.
305 H: Colocar uma foto e essa foto se transformar em desenho, né, acho que todo mundo já fez.

Há algum tempo, surgiu uma *trend* nas redes sociais de enviar uma foto para uma IA para ela transformar aquela foto em um desenho com traços característicos do estúdio Ghibli (Carvalho & Barros, 2025). Na linha 304, H afirma que "e uma inteligência artificial estava utilizando isso para qualquer pessoa.". Tendo isso em vista, H parte de um processo de inferenciação dos fatos relacionados à *trend* e ao fato de que a IA em questão liberou esse uso para "qualquer pessoa", ao dizer que "acho que todo mundo já fez". Consequentemente, podemos constatar que o uso de "(eu) acho" ocorre em um contexto de suposição na linha 305, uma vez que H considera provável ou possível que todo mundo já tenha utilizado a IA para transformar uma foto em um desenho.

Também poderíamos considerar a ocorrência na linha 305 como uma inserção de adendo, visto que F insere uma impressão pessoal à história que ela estava contando. Entretanto, o adendo com uma impressão pessoal, neste contexto, funciona como algo que o falante considera como provável ou possível. Cabe ressaltar que, em casos como estes, o "eu acho" não parece funcionar como um mecanismo de mitigação do grau de adesão, tal como proposto tradicionalmente (Castilho & Castilho, 1996), mas apenas como uma informação que passa a constar no horizonte de possibilidades dos interlocutores.

A fim de demonstrar a diferença entre avaliação e suposição, apresentamos o excerto (6), a seguir, em que é possível identificar três ocorrências de "eu acho", com funções de suposição e avaliação. Neste contexto, temos E e F discutindo sobre a possibilidade ou não de a IA destruir o mundo:

(6)
(E&F)
002 F: Você acha que a IA vai destruir o mundo?
003 E: Acho que todo mundo já parou para ter essa ideia alguma vez na vida.
004 F: [inteligível] uma rebelião de robôs.
005 E: É, algum filme.
006 E: Que [inteligível] falou.
007 E: A IA vai tomar conta e destruir tudo.
008 F: Sim.
009 E: Eu acho que, assim, se você for pensar no extremismo, pode acontecer.
010 E: Mas eu acho que é um pouco...
011 F: Demais.
012 E: É, demais.

Na linha 003, E responde à pergunta feita por F, afirmando que "acho que todo mundo já parou para ter essa ideia alguma vez na vida". Nessa resposta, o "acho que" enquadra uma avaliação feita por E de que todo mundo já pensou de uma determinada maneira. Novamente, o uso do "eu acho" funciona como mecanismo de suavização de uma afirmação categórica e generalizadora. Mais à frente, na linha 009, o "eu acho" funciona como um enquadrador de suposição, uma vez que ocorre logo antes de uma condicional, novamente apontando para o horizonte das possibilidades. Neste caso específico, a suposição funciona como uma ressalva, apontando para uma possibilidade remota, que indica, na verdade, um desejo do falante de não se comprometer com a hipótese levantada (Kaneyasu, 2020). Logo em seguida, na linha 010, o falante retoma a sua linha de raciocínio principal, utilizando o "eu acho" para enquadrar uma avaliação. Dessa vez, a suavização ocorre não por meio do enquadrador, mas por meio do "um pouco", seguido de uma hesitação na avaliação a ser realizada, que acaba sendo finalizada pelo interlocutor e confirmada pelo falante.

Com relação ao excerto (4), há o uso de "eu acho" como mecanismo de alinhamento entre os falantes (Kaneyasu, 2020), em que A e B estão conversando sobre os pontos positivos e negativos da IA:

(4)
(A&B)
(...)
072 B: Por mais que seja uma
073 B: inteligência muito boa
074 B: sempre
075 B: tem o risco de ter problemas, defeitos, bugs e coisas do tipo.
076 A: É, eu acho também isso, assim, quando eu penso, né?
077 A: E também no quanto que a inteligência artificial tem evoluído
078 A: em um período muito curto de tempo
079 A: eu sempre lembro dessas séries tipo de Black Mirror, que a gente sempre vê, né?

Neste trecho, B pontua que, embora a IA seja muito boa, ela também apresenta problemas, defeitos e assim por diante, e A concorda com B ao dizer, na linha 076, "É, eu acho também isso, assim, quando eu penso, né?", acrescentando também como a IA tem evoluído de forma rápida e mencionando a série *Black Mirror*, que aborda o lado obscuro da tecnologia. Ao concordar com B, A concorda com a avaliação negativa feita por B dos problemas relacionados à IA e, consequentemente, com o seu posicionamento a respeito do assunto. Assim como em boa parte dos dados, esse alinhamento é marcado na sequência responsiva (Kärkkäinen, 2007), incluindo o uso do advérbio "também" em "eu acho também isso".

No excerto (5), é possível observar o uso de "eu acho" com a função de conclusão de argumento. No trecho em questão, A explica como ocorre a manutenção do funcionamento das máquinas:

(5)
(A&B)

036 A: Qualquer tipo de máquina
037 A: sempre tem uma outra pessoa ali por trás, ou pessoas por trás
038 A: pra poder manter, né?
039 A: Aquilo e atualizações, também
040 A: São necessárias, aprimoramentos também, então, né?
041 A: Eu acho que é isso, assim

No trecho em questão, A finaliza seu turno de fala, dizendo: "Eu acho que é isso, assim" na linha 041. Dessa maneira, o "eu acho" pode ser categorizado como organizador do discurso que desempenha a função de conclusão do argumento fornecido por A. Neste exemplo, o "eu acho" explicita o processo de raciocínio do falante, visto que ele marca a chegada a uma conclusão, no fim da sequência, com o uso do encapsulador "é isso". Na seção seguinte, faremos comentários gerais sobre os excertos ilustrativos, no intuito de compararmos as diferentes funções de "eu acho".

Discussão geral das análises realizadas

A fim de discutirmos as análises realizadas, retomaremos a questão da tomada de postura, uma vez que as categorias decorrentes do triângulo orientaram inicialmente a proposição de nossas categorias de análise. Conforme Du Bois (2007), a ação de tomar uma postura é constituída pela avaliação de um objeto, o que leva o sujeito a se posicionar em relação a ele, assim como pelo alinhamento entre sujeitos. O fato de o nosso *corpus* ser constituído a partir de perguntas que demandam a opinião dos participantes em relação a aspectos relativos à IA faz com que a avaliação dos sujeitos em relação a um objeto seja estimulada, o que justificaria a alta ocorrência desta categoria nos dados. Apesar dessa limitação, as avaliações poderiam ser enquadradas por meio do uso de outros marcadores, tais como aqueles citados na literatura clássica (Almeida & Ferrari, 2012, Carvalho et al, 2021), como, por exemplo, "eu acredito que" e "eu penso que", etc.

Entretanto, a alta (e, devemos acrescentar, quase exclusiva) frequência de "eu acho", se comparada a outros marcadores, aponta para o fato de que, possivelmente, a rotinização de usos mostre uma multifuncionalidade do termo. Dessa maneira, a observação dos dados como provenientes de conversas e, portanto, de contextos reais de fala permitiu-nos excluir a hipótese clássica de que o "eu acho" possui, prototipicamente, a função de suposição ou conjectura e sustentar a hipótese de que o termo desempenha, prototipicamente, a função metadiscursiva de enquadrar o posicionamento avaliativo do falante.

Nesse sentido, quando comparamos o uso de "eu acho" com a função de avaliação com o seu uso com a função de suposição, podemos verificar que esta não está relacionada, necessariamente, à baixa certeza, mas à deflação do investimento: em geral, o falante diminui o grau de investimento, em direção a uma postura neutra de comprometimento (Kaneyasu, 2020; Kiessling et al., 2018). Mesmo em contextos de baixo grau de investimento, isso se deve mais à questão do "eu acho" funcionar de

maneira gramaticalizada como organizador do discurso do que como marcador lexical de incerteza.

Na verdade, o uso mais frequente de "eu acho" com função de enquadrador de suposição refere-se à marcação de hipóteses, que funcionam mais como ressalvas aos argumentos apresentados do que, necessariamente, algo sobre o qual o locutor não tem certeza. Nesses contextos, temos a marcação de um baixo grau de comprometimento do falante (Kiesling et al., 2018) com a hipótese levantada, para contrastar com uma avaliação oposta que é aquela com a qual, de fato, o falante se engaja. Sendo assim, em situações de suposição, também temos uma avaliação sendo feita, mas, nesse caso, o foco está na maior probabilidade de algo não ocorrer, do que na avaliação de fato.

Além de demonstrar, prototipicamente, engajamento e comprometimento por parte do falante, o "eu acho" também funciona como mecanismo de alinhamento intersubjetivo. Cabe destacar que a frequência de ocorrência dessa função foi similar à frequência da suposição, o que mostra que essa função é bastante saliente nos dados analisados. Nesses casos, o que encontramos foram ocorrências em sequências (Kärkkäinen, 2007), de modo a demonstrar concordância com a avaliação realizada pelo parceiro conversacional.

A respeito da inserção de adendo e da conclusão de argumento, que foram as categorias menos produtivas em termos de frequência, observamos que ambas funcionaram como uma forma de organizar as avaliações dos sujeitos, sendo no primeiro caso, uma forma de inserir uma avaliação do sujeito sobre um novo objeto, e, no segundo, de resumir a avaliação feita. Nesses casos, é possível estabelecer usos menos prototípicos do "eu acho", relacionados a um uso mais gramaticalizado, tal como comentamos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando essas diferentes funções de "eu acho" nas interações conversacionais, foi possível identificar o uso de "eu acho" como um enquadrador de diferentes processos de raciocínio feitos pelos falantes, tais como inferenciação, reformulação e chegada a uma conclusão. Como explica Kärkkäinen (2007), o enquadrador de postura (*stance frame*) tem a função de

> exibir e projetar a ação de uma postura que está por vir e organizar a atividade de tomada de postura entre os participantes, ao invés de eles mesmos indexarem uma postura forte e saliente do ponto de vista da interação em variadas ocasiões [...]. (p. 185)

Assim, o "eu acho" em contextos avaliativos e de alinhamento é utilizado como uma forma de marcar o ponto de vista do sujeito, atenuar o tom da sua opinião, diminuir o grau de comprometimento com o que está falando e se alinhar com o ponto de vista dos outros sujeitos. Em outras palavras, a presença do "eu acho" nos

enunciados marca a subjetividade dos indivíduos, indicando que a postura a seguir marca o seu posicionamento enquanto participante daquela interação.

Com base nos dados analisados, podemos observar que, no Português Brasileiro, o "eu acho" é utilizado como um enquadrador de postura em contextos em que há uma saliência da dimensão de avaliação ou do alinhamento na postura tomada. Já em contexto de suposição, temos uma prevalência do uso do "eu acho" como enquadrador de hipóteses com as quais o falante não se compromete, marcando uma deflação do comprometimento, seja em direção a uma postura neutra, seja em direção a um baixo comprometimento por parte do falante. Sendo assim, a partir dos dados, é possível sustentar a hipótese de que o "eu acho" desempenha, prototipicamente, um papel metadiscursivo de tornar público e enquadrar processos de raciocínio do sujeito, relativos à inferenciação, retificação e chegada a uma conclusão, bem como de deixar clara uma avaliação subjetiva.

Nesse sentido, como aponta Du Bois (2007, p. 145, grifo na fonte, tradução nossa), "[...] os falantes não performam *tipos* genéricos de postura, eles performam atos específicos de postura, os quais têm um conteúdo específico e estão localizados em um contexto dialógico e sequencial particular [...]". Em termos específicos, embora o "eu acho" ocorra em contextos de baixa certeza, a deflação de investimento é mais marcada como a ação ou, nas palavras de Kiesling et al. (2018), força ilocucionária do enunciado.

Assim, diferentemente de uma perspectiva disjuntiva, em que cada tipo de postura é tratada como um fenômeno diferente (Cienki, 2024, p. 2), a tomada de postura precisa ser considerada como um fenômeno holístico em que o sujeito apresenta a sua relação com o objeto, com o interlocutor e com o próprio discurso (Kiesling et al., 2018).

Financiamento
Esta pesquisa foi financiada pela bolsa de estudos concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e pela Fundação de Amparo à pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

Contribuição da autora
Conceitualização; Investigação; Redação - rascunho original; Redação - revisão e edição.

Conflitos de interesse
Os autores declaram que não houve conflito de interesses.

Implicações éticas
Os dados analisados neste estudo fazem parte do projeto "Tomada de postura e multimodalidade: análise de entrevistas", coordenado pela autora Jéssica Caroline Souza Aguiar e aprovado pelo comitê de ética: CAAE 89214825.6.0000.0055; número do parecer 7.714.207. Todos os participantes desta pesquisa assinaram o Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Autorização para o Uso de Imagens e Depoimentos.

Agradecimentos
Gostaríamos de agradecer aos pareceristas pela leitura cuidadosa do artigo e pelas valiosas contribuições que deram; e aos membros do Laboratório de Linguística Cognitiva e Estudo de Gesto (LabGest) pelo auxílio na coleta dos dados.

REFERÊNCIAS

Almeida, S., & Ferrari, L. (2012). Subjectivity, Intersubjectivity and Epistemic Complementation Constructions [Construções de subjetividade, intersubjetividade e complementação epistêmica] *Selected Papers from UK-CLA Meetings*, *1*, 110-127.

Braga, P. & Cunha, G. (2025). As funções da expressão "acho que" na dimensão epistêmica de um debate presidencial. *Domínios de Lingu@gem, 19*, Artigo e019004. https://doi.org/10.14393/DLv19a2025-4

Carvalho, C., Carneiro, A., & Magalhães, W. (2021). Um estudo sociofuncional dos parentéticos epistêmicos quase-asseverativos em variedades do português. *Estudos da Língua(gem),* 19(4), 109–132.

Carvalho, T., & Barros, G. (2025, 27 de março). Studio Ghibli do ChatGPT viraliza nas redes; saiba o que é a trend e como fazer. TechTudo. https://www.techtudo.com.br/noticias/2025/03/studio-ghibli-do-chatgpt-viraliza-nas-redes-saiba-o-que-e-trend-e-como-fazer-edsoftwares.ghtml

Castilho, A. T., & Castilho, C. M. M. (1996) Advérbios Modalizadores. Em R. Ilari (Org.), *Gramática do português falado*. (Vol. 2, pp. 213-260). Editora da Unicamp.

Cienki, A. (2024). Variable embodiment of stance-taking and footing in simultaneous interpreting [Incorporação variável de tomada de posição e alinhamento na interpretação simultânea]. *Frontiers in Psychology*, *15*, Artigo 1429232. https://doi.org/10.3389/fpsyg.2024.1429232

Debras, C., & Cienki, A. (2012). Some Uses of Head Tilts and Shoulder Shrugs during Human Interaction, and Their Relation to Stancetaking [Alguns usos de inclinações de cabeça e decolares de ombros durante a interação humana, e sua relação com a tomada de posição] Em *Proceedings of the 2012 International Conference on Privacy, Security, Risk and Trust and 2012 International Conference on Social Computing* (pp. 932–937).

Du Bois, J. W. (2007). The stance triangle [O triângulo da tomada de posição]. Em R. Englebretson (Org.), *Stancetaking in discourse: subjectivity, evaluation, interaction* (pp. 139-182). John Benjamis Publishing Company. https://doi.org/10.1075/pbns.164

Kaneyasu, M. (2020). Interactional relevance of linguistic categories: Epistemic modals daroo and deshoo in Japanese conversation. [Relevância interacional de

categorias linguísticas: Modais epistêmicos daroo e deshoo na conversação em japonês]. *Journal of Pragmatics*, *155*, 145-159. https://doi.org/10.1016/j.pragma.2019.10.007

Kärkkäinen, E. (2007). The role of I guess in conversational stancetaking [O papel de I guess na tomada de posição conversacional]. Em R. Englebretson (Org.), *Stancetaking in discourse: subjectivity, evaluation, interaction* (pp. 183-219). John Benjamis Publishing Company. https://doi.org/10.1075/pbns.164.08kar

Kiesling, S. F., Pavalanathan, U., Fitzpatrick, J., Han, X., & Eisenstein, J. (2018). Interactional stancetaking in online forums. [Tomada de posição interacional em fóruns online]. *Computational Linguistics*, 44(4), 683-718. https://doi.org/10.1162/coli_a_00334

OpenAI. (2023). *Whisper* (versão Large v3) [Modelo de reconhecimento de fala]. GitHub. github.com

TED-Ed. (2022, 6 de dezembro). *How will AI change the world?* [Vídeo]. Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=RzkD_rTEBYs